Alimentos

# Um dia sem produção

João Sereno Lammel*

A PASSAGEM de um ano e o liminar do novo período sempre ensejam a análise de ganhos e perdas; projetar expectativas e renovar planos. No exercício do balanço do ano recém-encerrado, o comportamento da inflação deixou um saldo preocupante: a alta chegou a 5,84% – acima do centro da meta estabelecida pelo Governo, de 4,5%. Intempéries em diversas regiões do País foram as principais causas da alta nos preços de alimentos, como batata, tomate, pão, arroz, óleo de soja e feijão mulatinho – este acumulou a mais forte alta, 54%, entre os alimentos, o que obrigou o País a importar, de forma inédita, o grão da China. Ou seja, muitos *containers* chineses que atracaram nos portos brasileiros, em 2012, não estavam abarrotados apenas de produtos eletroeletrônicos, de informática e vestuário, mas também do feijão nosso de cada dia.

Na cultura do milho, o clima foi ainda mais impiedoso, porém foi favorecido pela seca dos Estados Unidos. A falta do cereal norte-americano, num primeiro momento, beneficiou o produto brasileiro, que viu suas exportações ganharem fatias do mercado externo, porém a lei da oferta e da demanda foi mais forte: a disputa mundial pelo grão fez os preços da ração de frango dispararem.

Mas o fato que denota a importância estratégica da agricultura brasileira ocorreu durante alguns dias de julho. Trata-se do protesto de caminhoneiros contrários a mudanças, pelo Governo e pela Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), na regulamentação do transporte de cargas. No ápice dos protestos, no dia 31 de julho, a Rodovia Presidente Dutra, que liga São Paulo e Rio de Janeiro, foi interrompida parcialmente por caminhoneiros, durante oito horas. Veículos carregados de alimentos não chegaram ao Rio. Bastou a redução da oferta, durante apenas algumas horas, para os preços dos alimentos dispararem.

Na Ceasa, Central de Abastecimento carioca, a saca da batata, cujo preço na véspera era de R$ 40,00, alcançou R$ 100,00, alta de 150% – e não havia o produto mesmo para os consumidores dispostos a pagar caro. O problema no transporte rodoviário apenas deixou flagrante que os antigos gargalos de logística no País estão longe de ser solucionados. Mas, sob outro olhar, o fato de uma estrada paralisada por algumas horas prejudicar tão drasticamente o comércio de alimentos sugere um exercício: o que aconteceria se o mundo se visse, um dia apenas, sem a agricultura, isto é, sem a produção em escala dos alimentos para 7 bilhões de pessoas?

Projeções recentes afirmam que, para atender o aumento do nível de demanda nas próximas duas décadas, a agricultura terá que produzir o equivalente a "duas Terras". É evidente que não existirão recursos naturais – solos agricultáveis, água e luz – disponíveis. A única forma de evitar "o dia que a Terra irá parar" de fornecer alimentos será ampliar o emprego dos recursos tecnológicos.

De fato, apenas quarenta anos atrás, os índices de produtividade agrícola no Brasil indicavam uma atividade pouco além do rudimentar; com isso, eram frequentes as importações de alimentos básicos, como arroz, trigo, óleo e frutas de clima temperado. De acordo com estudo da Assessoria de Gestão Estratégica (AGE) do Ministério da Agricultura, as tecnologias incorporadas ao campo transformaram esse cenário. Entre 1975 e 2009, a produtividade total cresceu 3,68% ao ano; já os insumos – mão de obra, terra, capital, máquinas, fertilizantes e defensivos agrícolas – tiveram crescimento quase nulo, de 0,01%. ■



SXC.HU

*Engenheiro agrônomo e presidente do Conselho Diretor da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef)